

**CINEMATECA PORTUGUESA-MUSEU DO CINEMA**  
**A JUSTIÇA NO CINEMA: OS SINUOSOS CAMINHOS DA INVESTIGAÇÃO CRIMINAL**  
**20 e 29 de junho de 2023**

**CADAVERI ECCELLENTI / 1976**

*Cadáveres Incómodos*

**Realização:** Francesco Rosi / **Argumento:** Francesco Rosi, Tonino Guerra e Lino Iannuzzi, baseado na obra literária *Il Contesto* de Leonardo Sciascia / **Interpretação:** Lino Ventura (Inspetor Amerigo Rogas), Tino Carraro (chefe da polícia), Paolo Bonacelli (Dr. Maxia), Alain Cuny (juíz Rasto), Maria Carta (Madame Cres), Luigi Pistilli (Cusan), Tina Aumont (Prostituta), Renato Salvatori (comissário da polícia), Paolo Graziosi (Galano), Anna Proclemer (esposa de Nocio), Fernando Rey (Ministro da Segurança), Max Von Sydow (Presidente do Supremo Tribunal), Charles Vanel (Procurador Varga), Francesco Callari (Juíz Sanza), Alfonso Gatto (Nocio) / **Guarda-roupa:** Enrico Sabbatini / **Cenografia:** Andrea Crisanti / **Montagem:** Ruggero Mastroianni / **Direção de fotografia:** Pasqualino de Santis / **Música:** Piero Piccioni / **Direção de Produção:** Alessandro Von Normann

**Produtor:** Andrea Crisanti / **Produção:** PEA Produzioni Europee Associate, Les Artistes Associés / **Cópia:** 35 mm, a cores, em italiano, legendado eletronicamente em português, 120 minutos / **Estreia Mundial:** 13 de fevereiro de 1976, em Roma / **Estreia em Portugal:** 25 de maio de 1978, no Cinema S. Jorge, em Lisboa / *Primeira exibição na Cinemateca*

Sessão de dia 20 apresentada e seguida de comentário por José Narciso Cunha Rodrigues

O contexto político e social agitado que se vivia em Itália nas décadas de 1960 e 1970 foi terreno fértil para produções cinematográficas de cunho político, o chamado *cinema di impegno civile*; um género celeberramente associado às obras de Francesco Rosi e Elio Petri e que encontra nas atuações de Gian Maria Volonté as suas imagens mais icónicas; Volonté representou, nos filmes de Rosi e Petri, aquelas que eram as figuras centrais nas dinâmicas políticas destes anos: o operário (LA CLASSE OPERAIA VA IN PARADISO, 1971), o polícia corrupto (INDAGINE SU UN CITTADINO AL DI SOPRA DI OGNI SOSPETTO, 1970), o presidente de uma empresa nacional (IL CASO MATTEI, 1972), o presidente do partido no governo (TODO MODO, 1976), tornando-se no ator mais representativo do cinema militante deste período.

Em 1972, o filme de Francesco Rosi, IL CASO MATTEI (1972) sobre Enrico Mattei, presidente da ENI (Ente Nazionale Idrocarburi) e um dos homens mais influentes de Itália, vence o *Grand Prix* do Festival de Cannes, em conjunto com o filme de Elio Petri, LA CLASSE OPERAIA VA IN PARADISO (1971), “uma parábola sobre a condição operária na Europa”, ambos protagonizados por Gian Maria Volonté.

O cinema político destes anos tomou como ponto de partida as lições do neorealismo, adaptando-as ao novo paradigma social. A abordagem neorrealista que procurava testemunhar e retratar a realidade social do imediato pós-guerra, revela-se insuficiente no contexto italiano dos anos 60 e 70. A politização da sociedade implicou que o cinema se tornasse mais militante. Os realizadores (também eles envolvidos nas lutas sociais) começam a observar as dinâmicas sociais e políticas de maneira crítica e inquiridora. As obras de Francesco Rosi revelam esse mesmo olhar sobre o funcionamento das estruturas de poder, a forma como os partidos, as organizações criminosas (máfia, camorra), o Estado e as suas instituições (empresas nacionais, polícia, forças armadas, tribunais) se movimentam, se interligam e relacionam. As suas análises constroem-se sob a forma de *cine-inchieste*, e a própria investigação fornece “a estrutura narrativa” para os filmes. O enredo move-se ao ritmo das investigações policiais (ou comissões de inquérito), revelando as contradições das instituições públicas.

CADAVERI ECCELLENTI é um *thriller* policial e político, baseado na obra literária de Leonardo Sciascia, *Il Contesto*. O enredo retrata a investigação de uma onda de assassinatos que vitima juízes e magistrados. Uma história ficcional que é extraordinariamente enquadrada num contexto sociopolítico bem concreto: Itália no

período dos “anos de chumbo”. Como em *LE MANI SULLA CITTÀ* (1963), também aqui os personagens e factos narrados são imaginários, “mas a realidade social e ambiental que os produz é autêntica”. Um ambiente que é representado como pano de fundo para os primeiros assassinatos: vêem-se estudantes em protesto contra o Estado e confrontos nas ruas, são feitas referências às greves, à situação do campesinato do *mezzogiorno* (as expropriações de terrenos e a urbanização).

O contexto político e social que, inicialmente, parece arbitrário, vai-se tornando cada vez mais importante à medida que a narrativa avança. Uma viragem que se concretiza na frase proferida pelo jornalista “um juiz morto é coisa de polícia, quatro é uma questão política”, seguida de imagens de conflitos nas praças. Rosi retrata a ação da polícia durante os “anos de chumbo” (as escutas telefónicas, o abuso da força policial, e a forma como a suspensão dos direitos democráticos é justificada pelo controlo do terrorismo), remetendo para uma outra obra de Petri, *INDAGINE SU UN CITADINO AL DI SOPRA DI OGNI SOSPETTO*.

*CADAVERI ECCELLENTI* não apresenta o mesmo carácter ou estilo documental das obras precedentes de Rosi, como *SALVATORE GIULIANO* (1962), *IL CASO MATTEI* (1972) e *LUCKY LUCIANO* (1973). É um filme rico em metáforas e simbolismos, mas é também extremamente direto e aguçado nas suas críticas. A festa organizada na casa de Patos representa a forma como os grupos responsáveis pela “gestão” do país se encontram, fora dos olhares dos eleitores, para negociarem interesses (mesmo que de maneira informal); nesta festa, estão representados todos os grupos políticos, a polícia, as forças armadas, as forças de segurança. Como observa Salvatore Bizzarro, “a festa em si transforma-se numa metáfora para o poder corrupto e para as doenças políticas e sociais do país, em que a extrema-direita e a extrema-esquerda ‘dormem’ na mesma cama e ‘dançam’ com os vivos e os mortos”.

A obra de Sciascia serve de ponto de partida para um filme que consegue ser, simultaneamente, um bom *thriller* policial e político, e um retrato exato [e crítico] do contexto histórico em que se desenrola a ação. O risco de que a narrativa inicial (o mistério dos primeiros assassinatos) se perdesse nos meandros da conspiração política é habilmente contornado com a morte (inesperada) do mais importante membro judicial, nos últimos momentos do filme; uma vingança pessoal (que, no contexto do filme, se torna coletiva) contra um poder judicial corrupto e falível, que simboliza a destruição daquilo que o personagem representa: a hegemonia de uma elite poderosa sem escrúpulos.

Nesse sentido, e como o próprio realizador revela, “o filme pode ser considerado como um esplendido monumento fúnebre a uma certa Itália”. Das Catacumbas dos Capuchos (um cemitério de múmias religiosas) ao museu repleto de esculturas da Roma Antiga, passando pelas paisagens filmadas em várias cidades italianas, Rosi consegue construir uma interpretação metafísica de Itália num jogo entre passado e presente. Um universo que, como mostra, é habitado por “cadáveres excelentes”, as elites que governam o país e que se vão decompondo juntamente com o poder corrupto que representam.

Se Antonio Gramsci defendia que a verdade é sempre revolucionária, Giancarlo Pajetta afirmava que entre a verdade e a revolução, escolheria a revolução. Francesco Rosi, assim como Elio Petri (e outros intelectuais ligados ao PCI e membros do partido), discordavam da proposta avançada por Enrico Berlinguer de enveredar por um “compromisso histórico”. E em 1976, ambos se confrontam com a crise política do país apresentando diferentes hipóteses para o futuro. Por um lado, Petri profetizava a dissolução da Democrazia Cristiana (partido que ocupava o poder há várias décadas), numa adaptação cinematográfica do livro de Sciascia, *Todo Modo*; por outro lado, em *CADAVERI ECCELLENTI*, Rosi contemplava o assassinato do líder do Partido Comunista; ambos revelando a necessidade de enfrentar a crise política e social com novas alternativas.

O epílogo mostra que Francesco Rosi não sucumbe ao pessimismo. Numa obra carregada de referências, a imagem final é *Ifunerali di Togliatti*, de Renato Guttuso, um dos mais importantes pintores italianos do século XX e membro do PCI; tal como o título indica, a obra representa as cerimónias fúnebres do histórico Secretário-geral do partido, e são nele representados, entre as simbólicas bandeiras vermelhas, vários protagonistas do movimento comunista internacional. As imagens das multidões nas ruas, que se mobilizam contra a repressão do governo, permanecem como ruído de fundo para o último diálogo e os créditos finais, contrastando com a marcha fúnebre que abre o filme e que pauta as primeiras cenas. Como afirma Bizzarro, Francesco Rosi e Leonardo Sciascia “estão dispostos a dançar com os cadáveres, de modo lembrar os vivos que estes devem ser participantes ativos, resgatando Itália de um sistema em decomposição (...) Ao fazê-lo, tornam-se depositários das esperanças italianas de justiça social e de genuína mudança radical”.